

APRESENTAÇÃO

PENSAR-FAZER FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO INFANTIL: CULTIVANDO BELEZAS, REFINANDO SENTIDOS

PRESENTATION

THINKING-DOING IN TEACHER EDUCATION AND EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CULTIVATING BEAUTY, REFINING THE SENSES

<https://orcid.org/0000-0002-1948-5090>  Luciana Esmeralda Ostetto^A

<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>  Adrianne Ogêda Guedes^B

<https://orcid.org/0000-0002-4140-3864>  Luciane Germano Goldberg^C

^A Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^B Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^C Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil

A formação dos professores deveria não esquecer nem a beleza, nem a estética, porque corre o risco de não reencontrá-la mais, de considerá-la um aspecto marginal e de não vê-la nos olhares das crianças e dos jovens que se tem em frente, anulando, assim, uma possibilidade de bem-estar psíquico e de esperança para o futuro.
Vea Vecchi

As palavras da atelierista italiana, que abrem esta apresentação, nos afiguram como uma convocação: na formação docente, a beleza é uma dimensão que precisa ser cultivada! Na convocação também está o chamamento à reflexão: de que se trata reivindicar a beleza como uma dimensão formativa?

Beleza: não é adorno, enfeite, aparência.

Beleza: não é acessório cultural.

Beleza: não é apenas do domínio da arte.

Beleza: pode ser a escuta da canção “Lágrimas negras”, de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, cujos versos – “belezas são coisas acesas por dentro” –, imortalizados na voz de Gal Costa (https://youtu.be/C-Syphs43b8?si=_hMddeK26xn7LCnW), nos remetem àquela vibração que atravessa o pensar-sentir e ativa os sentidos para reparar o mundo – atraente mundo –, com cores, formas, sons, sabores e texturas que podem reverberar em nós.

A beleza, escreve James Hillman (1993, p. 136), “[...] não é apenas um acessório cultural, uma categoria filosófica, um domínio das artes, ou mesmo uma prerrogativa do



espírito humano. Ela sempre permaneceu indefinível, porque é testemunha sensorial daquilo que está fundamentalmente para além da compreensão humana”. A aspiração à beleza, indica Vecchi (2017), é uma atitude reconhecidamente presente em todas as culturas, na perspectiva do cuidado estético, como “[...] um filtro de interpretação do mundo”. E continua: “[...] *a procura da beleza* pertence, de maneira natural e profunda, à nossa espécie e constitui uma parte importante dela, uma necessidade primária” (Vecchi, 2017, p. 34).

“Dizer belo é dizer desejável” (Levi, 1994, p. 182 *apud* Vecchi, 2017, p. 36). A beleza anima/reanima a vida, provoca movimentos de busca, ativa percepções e capturas de diferentes matizes que estão nas coisas, nas pessoas, no mundo e nos afetam. No entanto, como adverte Vecchi (2017), na atualidade o belo – o desejável, essa aspiração à beleza – é frequentemente interditado, combatido pela cultura hegemônica. Vive-se “a repressão da beleza”, de que nos fala Hillman (1993), quando chama atenção para o entorpecimento psíquico, a anestesia da alma do indivíduo que, *pari passu* com a anestesia da alma do mundo, seriam consequências da subtração da beleza na vida contemporânea.

Da argumentação provocativa do autor, é curioso perceber que, enquanto tematiza a repressão da beleza, ele se esquivava de definir o que seja a beleza – e o faz justamente para escapar aos dilemas sujeito e objeto, próprios de subjetivistas e objetivistas: a beleza está no olho do observador ou no próprio objeto observado? Sem pretender chegar a uma definição, e como convite à reflexão, propõe o exercício de

[...] imaginar que a beleza seja permanentemente dada, inerente ao mundo em seus atributos, lá à mostra, sempre. Essa radiância inerente brilha mais translucidamente, mais intensamente dentro de certos eventos, em especial aqueles eventos que almejam agarrá-la e revelá-la, tais como obras de arte. Se utilizarmos uma linguagem mitológica para essa radiância inerente, falaríamos de Afrodite, a dourada, a sorridente, cujo sorriso tornou o mundo prazeroso e amoroso (Hillman, 1993, p. 133-134).

Pela imaginação, o autor nos conduz a uma noção de beleza como *aisthesis*, como percepção sensorial. Nessa direção, ele argumenta que a vida é estética, o mundo é estético, exibindo feições que o hábito, o comum e o superficial – passar pelo mundo, pelas coisas ao redor sem repará-las – impede que sua radiância se faça visível. É preciso, pois, abrir os sentidos, o corpo, ao deleite, à resposta estética:

Você prende a respiração e fica imóvel. Essa inspirada momentânea, esse pequeno arfar, essa reação de aahhhhh é a resposta estética tão certa, inevitável, objetiva e ubíqua quanto se retrair repentinamente na dor e gemer de prazer. Além disso, essa inspirada momentânea é também a própria raiz da palavra estética, em grego *aisthesis*, que significa sensopercepção. *Aisthesis* se liga aos *aïou* e *aisthou* homéricos, que significam “Eu percebo” e também “Eu ofego, luto por inspirar” e a *aisthomai*, *aisthanomai* “Eu inspiro” (Hillman, 1993, p. 137).

Para acolher indícios de tempos, lugares, acontecimentos, relações que marcam possibilidades da experiência da beleza e do sensível, seja no encontro com a arte, a natureza ou a cultura, é necessário conter o movimento, tornando-se receptivo às apresentações das coisas, às feições do mundo, conduzindo-o para dentro: maravilhar-se. É ainda o mesmo autor a sugerir: “A transfiguração da matéria acontece pelo maravilhamento” (Hillman, 2010, p. 49). Pela beleza somos afetados, atingidos na sede da resposta estética: o coração, pois “[...] nada afeta tanto a alma, transporta-a tanto, como os momentos de beleza – na natureza, um rosto, uma canção, uma ação ou um sonho” (Hillman, 1993, p. 129).

Assim, a resposta estética é um ato cordial, um acontecimento que se processa em direção oposta às reflexões e às críticas exclusivamente mentais: passa, antes de tudo, pelo coração. O coração, de que fala o autor, apoiando-se na antiga filosofia fiorentina e na mitologia, não é aquele símbolo do romantismo colado a um subjetivismo sentimental, mas aquele lugar em que a imaginação faz morada: com o coração, pelo coração, imaginar e sentir são inseparáveis. Nas palavras do autor, “[...] o coração era o órgão da sensação, era também o lugar da imaginação. O senso comum (*sensus communis*) alojava-se dentro e em volta do coração e sua função era apreender imagens [...]. A função do coração era estética” (Hillman, 2010, p. 94).

A seguirmos nessa direção, reivindicar a beleza como uma dimensão formativa seria, de certo modo, reivindicar uma pedagogia cordial, empática e acolhedora de sentidos plurais, aberta à atração do cosmos, que não negligencia a inteireza do ser, do sentimento e do pensamento, da sensação e da intuição como veredas a serem fertilizadas. À provocação hillmaniana – “Para que escola o coração pode ir?” (Hillman, 2008, p. 188) – ensaiamos uma resposta, reivindicando a beleza como elemento essencial de uma pedagogia cordial, ética, política e esteticamente tecida na relação cotidiana, em tempos e espaços cultivados com presença viva, com ânima, animada.

Reconhecemos o desafio de efetivar, nas práticas pedagógicas, os princípios políticos, éticos e estéticos preconizados na legislação (Brasil, 2009). Entretanto, insistimos. Deslocamos o olhar para um campo de atuação docente específico – a Educação Infantil – e vislumbramos a essencialidade de professores e professoras que tenham seus sentidos mobilizados na direção da beleza que, diríamos, parafraseando Jorge Mautner e Nelson Jacobina, de “Lágrimas negras”, faz acender autorias nos cotidianos de creches e pré-escolas, com meninos e meninas, acolhendo suas múltiplas linguagens, seus modos próprios de ser e

estar no mundo, as singularidades com que se apropriam e atribuem sentido às coisas ao redor.

Continuamos. Insistimos mais. É necessário tecer uma docência que traga consigo o senso estético, marcado pelos sentidos de estranhamento e de deslumbramento (Hoyuelos, 2006), de deixar-se maravilhar pelo inédito que se nos apresenta cotidianamente, entregando-nos ao mistério (e nos alimentando dele), para inundar os olhos daquele elemento que nos impulsiona a ver de outros prismas o que poderia parecer tudo igual: a beleza. Para, então, tecer com as crianças espaços e tempos para experiências que conectam sensibilidade, cognição e afeto.

Considerando as questões delineadas e afirmando que o fazer-pensar a Educação Infantil contemporânea está a exigir profissionais que incorporem as questões artísticas, culturais, éticas e estéticas na prática pedagógica com as crianças, o dossiê temático “Formação docente, Educação Infantil e Arte: mobilizar sentidos, desvelar belezas” tem por objetivo reunir e compartilhar reflexões advindas de estudos, práticas e percursos investigativos que ofereçam subsídios para se pensar propostas de formação em diálogo com a arte, na perspectiva da formação estética.

Nos atravessamentos e nas provocações por/de todos os sentidos, são possíveis os processos formativos que mobilizam linguagens expressivas, que potencializam a imaginação e o poder de criação de professoras e professores? Que caminhos os tornam possíveis? Qual o papel da universidade e dos centros de formação nessa empreitada? Enfrentar as indagações é responder a demandas do tempo presente, que requer o fortalecimento das relações entre universidade e Educação Básica, assim como a aproximação da Pedagogia com a Arte. Enfrentar as indagações é avançar coletivamente, com coragem e compromisso, para romper fronteiras e abrir veredas que conduzam a (re)pensar e projetar propostas de formação docente crítica, criativa e socialmente referenciada no respeito às infâncias, na diversidade de modos de ser e estar criança, no direito à existência de diferentes modos de conhecer e expressar o mundo, pelas vias de processos relacionais, criativos, inspiradores e acolhedores.

O projeto de organização deste dossiê, assumindo o enfrentamento posto como desafio necessário e urgente, recebeu o apoio de pesquisadoras internacionais – nomeadamente da Universidade de Palermo (Itália) e do Instituto Superior de Lisboa (Portugal) – e de pesquisadores e pesquisadoras de instituições localizadas nas cinco regiões do Brasil: Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Jataí (UFJ), Universidade Federal do Ceará (UFC), Instituto Federal

do Ceará (IFCE), Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal Fluminense (UFF).

A resposta ao desafio chegou por meio de 14 artigos, sete relatos de experiência, uma entrevista e uma resenha que, no conjunto, compõem uma paisagem de múltiplos tons, constituída por modos singulares-plurais de olhar, conceber e enunciar os diferentes aspectos que atravessam a temática proposta. Um sobrevoo pelas palavras-chave permite-nos reconhecer a amplitude das trilhas textuais desenhadas: arte e pedagogia; arte e Educação Infantil; experiência estética; saber sensível; formação estética; formação docente; linguagens expressivas; linguagens artístico-expressivas; livre expressão; nutrição estética; repertórios culturais; memórias; narrativas; artistas; brincantes; pesquisa; criação; Educação Infantil; infâncias; crianças; teatro-educação; letramento racial; Escolinha de Arte do Brasil; Reggio Emilia; Arno Stern; objetos propositores; materialidades; criatividade; aprendizado a partir da experiência; mediação artística e cultural; dimensão de grupo; música; corpo; voz e escuta; cuidado; encantamento.

Os textos reunidos, advindos de pesquisas e experiências, seja do campo acadêmico, seja do cotidiano da Educação Infantil, em suas poéticas, na articulação forma-conteúdo, tecem o desejo de abrir frestas, fertilizar caminhos, fiar possibilidades, inspirando o cultivo de esperanças; afirmam o desejo de ser-mais-com-o-outro, no encontro e na partilha de percepções, ideias, saberes e fazeres – não necessariamente formulados no mesmo terreno conceitual e prático –, mas que abarcam o compromisso ético, político e estético de pensar-fazer formação docente referenciada nas especificidades das infâncias e da Educação Infantil, assim como na essencialidade da educação (do) sensível.

No artigo que abre o dossiê, há uma pergunta provocadora e essencial: como podem os adultos apoiar cada criança em suas experiências e, paralelamente, compartilhar a alegria, a excitação e a maravilha? No artigo *Formar educadores para a primeira infância através das linguagens artísticas e expressivas. Uma experiência na Universidade de Palermo*, a pesquisadora italiana Elena Mignosi tece reflexões nos planos teórico e metodológico, apresentando um percurso de formação para educadores da primeira infância, proposto dentro do curso universitário de Ciências da Educação da Universidade de Palermo (Itália), o qual utiliza a metodologia laboratorial e a dimensão de grupo. Centrando-se em experiências

artístico-expressivas interconectadas, o propósito está no horizonte de integrar diferentes dimensões das educadoras em formação, contribuindo para o desenvolvimento da confiança em suas próprias capacidades, considerando a imaginação e a criatividade dentro de um plano simbólico e narrativo, desenvolvido em espaços-tempos que implicam o encontro consigo e com os outros.

Argumentando que, nos processos formativos para a docência na Educação Infantil, os aspectos artístico-culturais – reconhecidamente relacionados à dimensão estética – são elementos decisivos, José Firmino de Oliveira Neto, Carla Andrea Corrêa e Daiane Francisco de Medeiros, no artigo *Formação estética e docência na Educação Infantil: uma análise da produção do Círculo de Estudo e Pesquisa FIAR*, perguntam-se: em que consiste reconhecer a dimensão estética da formação? Desde a questão formulada, o autor e as autoras adotam uma abordagem narrativo-interpretativa que apresenta e discute a produção do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), grupo de pesquisa do qual fazem parte, fundado em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, e que vem tematizando a formação estética para a docência na Educação Infantil. O levantamento das teses e dissertações orientadas e defendidas no âmbito do FIAR, entre 2017 e 2023, permitiu evidenciar questões conceituais e metodológicas engendradas em um movimento poético que atravessa múltiplas linguagens: a estética como cuidado e refinamento dos sentidos, no diálogo com a arte, com a cultura e com a natureza, projetando outras formas de pensar-fazer formação docente para as infâncias.

Na sequência, Adrianne Ogêda Guedes, Edilane Oliveira da Silva e Michelle Dantas Ferreira, no artigo *Frestas para (re)encantar corpos d[is/o]centes – por uma educação que lecione andorinhas*, apontam a essencialidade da relação entre educação, arte e formação docente para a proposição de uma Educação Infantil que, garantindo os direitos das crianças, potencialize conhecimentos e sensibilidades a favor da vida. A intrigante proposição de “lecionar andorinhas”, visibilizada no título e decorrente de poéticas celebradas pelo grupo de pesquisa “Formação e ressignificação do educador, saberes, trocas, arte e sentidos” (FRESTAS), da UNIRIO, é a matéria que atravessa o curso de formação, na modalidade de extensão, oferecido a professoras que atuam na Educação Infantil carioca. Visando (re)encantar corpos docentes e, consequentemente, discentes, a formação é entendida pelas proponentes como forma de ação que abre frestas a dimensões vitalizadoras, por meio de dispositivos sensíveis na arte, no corpo e no movimento. Por essa via, as autoras *fresteiras*

apostam na composição de um *ethos* do cuidado, fundado no cultivo dessas dimensões nas/nos professoras/es e em sua reverberação na potência criativa e criadora das crianças.

Os repertórios culturais na tessitura da docência em Educação Infantil, artigo de Lizyane F. Silva dos Santos Locatelli e Monica Fantin, traz à discussão as produções culturais nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, cujos dados de análise provêm de pesquisa realizada com docentes da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, Santa Catarina (SC). Desenvolvida durante a pandemia de covid-19 (por meio de questionário e rodas de conversa *on-line*) e fundamentada nos estudos da infância, da cultura e da mídia-educação, a pesquisa realizou um mapeamento das produções culturais oferecidas às crianças no âmbito das propostas pedagógicas no cotidiano educativo. Os dados revelam a presença de propostas ligadas à música, à brincadeira, à contação de histórias e ao uso de audiovisuais, sempre transversalizadas pela dimensão da participação das crianças e pelos usos das mídias e tecnologias. Os repertórios culturais identificados e sua ampliação, na perspectiva do hibridismo cultural, das múltiplas linguagens e das mediações educativas, sinalizaram seu potencial formativo à docência, em diálogo com projetos de extensão artísticos e culturais, que deram visibilidade à importância da arte e da cultura na infância e na formação docente.

“Formação docente”, “experiência e nutrição estética”, “Educação Infantil”, “Arte e Pedagogia” são palavras-chave do artigo *Experiência e formação estética como escolhas de incursão ao campo de pesquisa*, de Ana Cláudia de Oliveira Freitas e Fabiana Souto Lima Vidal. Tecido como um desdobramento da pesquisa realizada com seis professoras da Educação Infantil do município baiano de Guanambi, que problematizou a formação estética das pedagogas, o artigo apresenta e discute uma proposta de nutrição estética a partir da experiência com a proposição “Caminhando”, de Lygia Clark, e a elaboração de uma produção visual. Utilizando-se do método de interpretação dos sentidos, as autoras compreendem que as professoras reconhecem a falta de convívio com as artes como fator limitador da percepção de que o conhecimento também passa pelos sentidos. O percurso também evidenciou que a formação docente na Licenciatura em Pedagogia ainda é carente de discussões, experiências e diálogos com o campo das artes, apontando a urgente necessidade de aproximação entre os campos de conhecimento da Pedagogia e da Arte, como perspectiva de ampliar possibilidades, fertilizando outros modos de pensar, ver, fazer, conhecer e praticar o ensino da arte na Educação Infantil.

O próximo artigo, escrito por Luciane Germano Goldberg, traz no título uma provocação-roteiro de busca: *O que pode a Educação Infantil aprender com Arno Stern sobre*

arte na primeira infância? Como um eixo em torno do qual gravitam elementos conceituais e históricos do campo da arte/educação, o enunciado sinaliza o percurso em direção a um dos expoentes da “livre expressão”: Arno Stern, criador do *Atelier Closlieu*, um “local abrigado”, de liberdade e não julgamento, para a expressão espontânea das crianças, por meio da pintura, cujas proposições e concepções foram desenvolvidas por mais de 70 anos com crianças, jovens e adultos em Paris – e que, entretanto, ainda são desconhecidas no Brasil. Atravessando o desconhecimento, no contato com sua obra, a autora lança-se à captura de princípios e proposições ainda atuais, para se pensar a arte na primeira infância: Stern não estava preocupado em ensinar técnicas de pintura, tampouco desejava deixar as crianças à própria sorte, como supõe o termo em francês tão conhecido *laissez faire*, reportado na crítica à “livre expressão”; ele estava dedicado a “servir” as crianças e, desse compromisso, derivam princípios de sua prática, nomeados pela autora do artigo na síntese integradora: escuta, atenção, cuidado e, sobretudo, respeito às crianças e à sua expressão por meio da arte – tão ordinariamente sufocada na primeira infância.

É também com o objetivo de pensar sentidos e práticas de arte na Educação Infantil que, no artigo *Escolinha de Arte do Brasil e Reggio Emilia: fios históricos e conceituais para pensar a arte na Educação Infantil*, Xênia Fróes da Motta e Luciana Esmeralda Ostetto alinhavam um diálogo entre duas experiências: a Escolinha de Arte do Brasil e a proposta educativa das escolas de infância de Reggio Emilia, na Itália. Com fios históricos e conceituais, o diálogo vai dando visibilidade a elementos das duas propostas que, desenvolvidas em contextos distintos, com tempos e movimentos próprios, guardam similaridade entre si, tais como a concepção de arte como experiência e a confiança na criança como premissa pedagógica. A formação docente é destacada como um aspecto que pode sustentar a presença da arte na educação – para além de um simples fazer, circunscrito a uma “atividade” curricular –, como campo de conhecimento que (in)forma todos os sentidos. Pelas conexões tecidas, a narrativa argumentativa das autoras dá a ver pessoas, filosofias, políticas e geografias que reafirmam a essencialidade de se conhecer os percursos históricos, tanto no campo da educação quanto no campo da arte.

As linguagens artísticas, em qualquer uma de suas modalidades, contribuem para a construção de um olhar sensível, pensante, ativo e interdisciplinar dos docentes? Essa é a questão posta pelas autoras Mirian Celeste Martins e Renata Queiroz de Moraes Americano, a conduzir o artigo *Mesa de bisbilhos escondidos*. Resultado de uma pesquisa sustentada metodologicamente na *a/r/tografia*, o artigo apresenta uma das muitas proposições artísticas

realizadas em grupos diversos com professores em formação continuada: *mesa de bisbilhos escondidos* – especialmente inventada para provocar a reflexão dos estudantes do curso de Pedagogia sobre o trabalho com projetos. Essas mesas são compreendidas como um lugar de provocação para pensar a partir de materialidades oferecidas. Preparar uma mesa com objetos escondidos, em pequenas e grandes caixas, é um convite para explorar, pensar e compartilhar descobertas, que pode ser articulado ao conceito de objeto propositor, que nasceu de Lygia Clark, uma artista propositora. Como resultado dessa proposição, as autoras apontam que a teoria pode transbordar na prática que move corpos sensíveis e pensantes, contribuindo para uma formação docente inventiva.

No artigo *Dandara presente! Narrativas teatrais antirracistas na formação do Educador Infantil*, Alexandre Santiago da Costa apresenta e analisa as proposições e ressonâncias de um projeto de extensão para o letramento racial de estudantes e egressos do curso de Pedagogia da UFC. Partindo dos princípios do teatro-educação e da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), o projeto constrói formações e espetáculos cênicos baseados na cultura e estética afro-brasileiras. Pressupondo a ampliação dos repertórios de estudantes de Pedagogia e das crianças em relação à literatura infantil negra, o projeto é uma porta de entrada para promover a reflexão e o diálogo sobre a necessária construção de uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva e antirracista. Pelas vias de uma proposta formativa que visa ao letramento racial, articulando teatro-educação e ERER, o projeto, segundo o autor, atua no desenvolvimento de habilidades críticas de análise e reflexão sobre questões relacionadas à raça e à identidade racial, contribuindo para a ampliação da formação estética de educadores e educandos, mobilizando saberes essenciais na luta antirracista nos diversos contextos educativos.

A memória como força criadora é o fio tecido por Priscilla Menezes de Faria, Raíssa Campos Cortat e Virna da Silva Bemvenuto no artigo *Vasculhar a memória, andar pelo céu, sonhar com as mãos: aliando criação, infância e formação docente*. Rememorando e compartilhando três momentos de suas infâncias – andar de bicicleta, inventar uma brincadeira com um espelho e brincar de montar cabanas –, as autoras evidenciam a força poética e reflexiva que toca a criação como potência vital e desejante. Desse enunciado, e pensando a formação como processo de abertura ao desconhecido, autores e autoras que investigam relações entre arte, tempo, infância e educação são chamados ao diálogo. O entendimento da arte como território dedicado aos processos criativos conduz à proposição de uma formação docente conectada com a abertura e o desequilíbrio que a vida convoca:

afastando-se da pedagogia como um fazer protocolar para compreendê-la como ímpeto, o conhecimento, a formação e a própria docência são evidenciados como gestos inacabados, constantemente em criação.

Decorrente de uma investigação sobre a relevância dos artistas e brincantes na formação inicial e contínua de professores e professoras da Educação Infantil, no artigo *Feituras de encantamentos na dimensão transformadora dos artistas e brincantes*, Waldimir Rodrigues Viana, da UNIR, e Márcia Maria Strazzacappa Hernandez, da Unicamp, apresentam alguns resultados, indicando que a atuação dos artistas e brincantes enriquece o repertório pedagógico das professoras e configura uma pedagogia própria, centrada no encantamento. Ao acompanharmos a narrativa tecida – como inspirações para se pensar e propor experiências lúdicas e estéticas que contribuem para o desenvolvimento criativo e autônomo de futuros docentes da primeira infância –, veremos que a pedagogia referida emerge da experiência, da estética e da ludicidade, possibilitando articular tradição e inovação na formação docente para, então, consolidar uma abordagem transformadora, sensível e significativa para a Educação Infantil.

No artigo *Música, infância e educação: o corpo, a voz e a escuta como dispositivos do sensível*, Wasti Silvério Ciszewski Henriques, Adrianne Ogêda Guedes e Maria Clara de Lima Santiago Camões unem vozes e corpos a um movimento de escuta compartilhada, assumindo a relação entre música, infância e educação como mobilizadora das questões empreendidas, que articulam experiências formativas com foco em vivências estéticas sonoro-musicais, currículo como movimento vivo e processo contínuo de escuta das crianças. Vislumbra-se uma aposta na potência criadora dos corpos e na perspectiva da voz como movimentos éticos, políticos e artísticos, e na responsividade como movimento que se implica com uma resposta comprometida – na mesma medida, ética, artística e politicamente – com o outro.

De Portugal nos chega o artigo *O olhar tem vertigens. A mediação artística e cultural na escuta do eu-coletivo*, escrito pela autora Adriana Pardal, da Escola Superior de Educação de Lisboa, que nos fala sobre a mediação artística e cultural como prática que visa ocasionar momentos de libertação da mente e do corpo. Resultado de uma vivência individual sistematizada, baseada sobretudo na experiência da autora como mediadora, enriquecida pela interação com a produção teórica de vários autores que estudaram a temática da mediação, o artigo apresenta princípios metodológicos e epistemológicos dessa prática, no que ela tem de existencial no interior de um ecossistema de saberes, articulando-os tanto com a experiência estética quanto com sua função sociocultural, sustentada na participação democrática.

Henrique Lima Assis, professor-pesquisador da UFJ, no artigo *Atravessar territórios demarcados: sobre a docência com crianças, que histórias as professoras-pedagogas contam ao professor de artes visuais?*, socializa os enunciados de sua pesquisa de pós-doutorado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da UFJ. Com o objetivo de atravessar os territórios demarcados da Pedagogia e da Arte, em perspectiva narrativa e (auto)biográfica, a escuta de professoras-pedagogas nascidas em Jataí, licenciadas pela mesma instituição e trabalhadoras em exercício ou aposentadas das escolas do município, é efetivada por meio da realização de rodas de conversa como espaços de produção de memórias sobre as experiências que as tornaram professoras-pedagogas. Os caminhos da investigação mostram a curiosidade e a motivação para a pesquisa e, nas considerações do autor, a narrativa de uma experiência vivida ou em andamento é afirmada como uma experiência afetiva, reflexiva e poética. A beleza também resplandece na presença de professores e professoras da Educação Básica, que relatam percursos formativos, processos de investigação e práticas pedagógicas, seja no cotidiano junto às crianças com as quais tecem a docência, seja no âmbito acadêmico.

Os sete relatos de experiência que compõem o dossiê provêm de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Ceará, e evidenciam a essencialidade da autoria, que dá a ver saberes e fazeres cultivados desde o lugar da vida vivida com inteireza e intensidade criadora – da docência na Educação Infantil.

O relato *No encontro com estudantes de Pedagogia: partilha poética com infâncias, natureza e fotografia*, de Michele Costa Pereira, compartilha narrativas sobre propostas de experiência poética vividas com um grupo de estudantes de Pedagogia, no âmbito de uma oficina dinamizada em evento na UFF, tematizando crianças na natureza. De maneira descritiva e analítica, o relato argumenta sobre a necessidade da formação estética dos futuros professores das infâncias, nos cursos de Pedagogia, oportunizando exercícios de olhar, escutar e experimentar com todos os sentidos, no diálogo com as crianças e seus modos próprios de ver e expressar o mundo.

Vem do Ceará, com a autora Cassia Calandrini Ribeiro, o relato *Da linha à escultura: arte contemporânea na Educação Infantil como liberdade expressiva das crianças*. O texto descreve e analisa um projeto que buscou romper com o modelo tradicional de ensino de arte na Educação Infantil, marcado pela utilização do desenho pronto e da orientação dirigida, que limitavam a criatividade. Por meio da proposição-investigação sobre a arte contemporânea, utilizando a obra da artista gaúcha Elisa Zattera como inspiração, as crianças foram

encorajadas a criar: ampliaram sua autonomia, inventividade e superaram preconceitos sobre o processo artístico. A experiência de criação foi evidenciada para além do produto.

Do extremo leste da cidade de São Paulo, o relato *Gritando alma: percursos estéticos na formação docente em um Centro de Educação Infantil*, escrito por Laís Vilela Gomes, apresenta um percurso formativo vivenciado em um Centro de Educação Infantil, que articulou planejamento e formação estética. Com inspiração na canção *Anima*, de Milton Nascimento, a narrativa evidencia a importância do planejamento para (re)criar outros modos de fazer e viver a formação de professoras(es) na Educação Infantil, o que pressupõe intencionalidade e compromisso ético, político e estético. O texto descreve a importância de cultivar momentos de estudo que convidem cada professora e/ou professor a perceber o mundo com atenção aos detalhes, amplificando a experiência da docência e fortalecendo um coletivo sensível, comprometido com as crianças e as belezas inerentes às suas experiências cotidianas.

O relato de experiência intitulado “*As borboletas do parque são amarelas*”: *uma itinerância pelo processo de metamorfose com uma turma de Infantil V*, escrito por Leandro da Silva Pereira Junior, Janice Débora de Alencar Batista Araújo e Ana Maria Monte Coelho Frota, apresenta e tece discussões sensíveis a partir de um conjunto de ações desenvolvidas por uma turma de Infantil V em um Centro de Educação Infantil no município de Fortaleza, Ceará (CE). Na leitura do texto, as “borboletas amarelas do parque” surgem como guias para uma jornada conversadeira, artística e brincante, por entre voos e sobrevoos de uma pedagogia da escuta e das relações, tecida com linguagens expressivas e literatura infantil. Como em um movimento de flunar, a experiência relatada foi cultivada na observação e na articulação de teorias e sensibilidades que meninos e meninas compartilharam em roda, em brincadeira e em expressividade na Educação Infantil.

A ludicidade, a criatividade e a expressividade também estão presentes no relato *Brincadeiras em contextos investigativos na Educação Infantil: miudezas em foco na formação docente*, escrito por Mariana Soares Dantas, que compartilha a experiência de uma oficina idealizada e dinamizada pela autora durante a III Semana de Pedagogia da UFF, no mês de maio de 2025. A oficina – cujo tema se relaciona à pesquisa de Mestrado em Educação que a autora está desenvolvendo – aborda processos de criação, (com)partilhamento e reverberações sobre a intriga: Como se formam professores(as) brincantes?

No relato intitulado *Quando a terra e a arte se encontram: diálogos entre arte, narrativa e formação estética na constituição de uma professora-artista*, as autoras Francisca

Paloma Almeida Vital e Luciane Germano Goldberg partem do questionamento: como nos tornamos professores(as)-artistas? O texto apresentado é um desdobramento da dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes do IFCE, que teve por objetivo compreender os atravessamentos da arte e da dimensão estética no processo formativo das professoras de Educação Infantil – da infância à docência –, por meio de uma narrativa (auto)biográfica. Pensando a arte enlaçada com a dimensão estética como uma linguagem capaz de criar uma ruptura no tecido da normalidade, ao acolher e valorizar a sensibilidade, a delicadeza, a criatividade e a expressividade dos seres humanos, as autoras estabelecem uma trama com a produção de tintas à base de terra, dialogando com a perspectiva narrativa e (auto)biográfica.

Também vem do Ceará, e de um processo de pesquisa de Mestrado, o relato *O desenho como via de acesso ao universo infantil*, de Josenaide Holanda Bezerra. O texto trata da experiência da autora, professora da Educação Infantil, no percurso de realização de sua pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional em Artes na UFC, pelo Programa ProfArtes. Mobilizada pelo objetivo de compreender quais as contribuições do desenho infantil para o processo (auto)biográfico das crianças da Educação Infantil, a pesquisa buscou identificar como elas narram suas próprias histórias. Para a elaboração dos desenhos, foi construído um “ateliê de artes” dentro de um Centro de Educação Infantil da cidade de Fortaleza – CE, no qual a autora atua como docente. Registros fotográficos, observações em diário de itinerância, desenhos e narrativas orais das crianças compuseram o conjunto de dados do qual emergiram narrativas do cotidiano e das famílias, revelando histórias de conflitos, desejos e sonhos. A autora afirma que o desenho pode se configurar como uma via de acesso ao universo infantil.

Temos ainda a entrevista realizada por Graziela Ferreira de Mello e Rosvita Kolb Bernardes – *É preciso olhar para onde a criança olha! Uma conversa com Ana Angélica Albano sobre arte, pedagogia, formação docente e Educação Infantil* –, a qual, como o próprio título indica, apresenta a conversa tecida com Ana Angélica Albano, artista, pesquisadora e professora aposentada da Unicamp. Ao falar sobre seu percurso como professora, tanto na Educação Básica quanto na universidade, a entrevistada reflete sobre o vivido e lança luz sobre suas memórias, trazendo à superfície temáticas relacionadas à importância da arte na formação dos professores. Sua narrativa nos provoca a pensar a educação e a formação dos educadores das infâncias a partir da essencialidade do olhar: olhar para onde a criança olha!

Além disto, o professor da UFG, José Firmino de Oliveira Neto, no texto *Sobre formação estética docente: poéticas (con)fiadas na pesquisa, no ensino e na extensão*, compartilha sua resenha-leitura do livro *Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente*, organizado pelas professoras-pesquisadoras Luciana Ostetto, Marta Maia e Cristiana Callai, da UFF, publicado pela Papirus Editora, em 2023. A resenha nos permite saber que o livro aborda temas e questões, estudos e proposições sobre o/no campo da formação docente para as infâncias, presentes nos movimentos do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR). Ao resenhar essa obra coletiva, o autor nos faz vislumbrar os fios narrativos dos capítulos que compõem o livro, os quais enlaçam saberes e fazeres, percursos e processos que atravessam o ensino, a pesquisa e a extensão, privilegiando o diálogo com a arte.

E para fechar o dossiê, como demanda contínua, temos os textos “*Investigação Narrativa Em Conversa: Experiências Cotidianas De Viver, Pesquisar E Narrar*” de Ney, Amaral e Dorneles e “*Trilhando Caminhos Para A Liberdade: Práticas De Educação Em/Para Os Direitos Humanos Na Formação De Crianças E Jovens*” de Nascimento e Alvarenga.

Quando projetamos este dossiê, elegendo a temática “Formação docente, Educação Infantil e Arte: mobilizar sentidos, desvelar belezas” como fio articulador, fomos impulsionadas pelo desejo de pensar a formação docente para as infâncias em diálogo com a arte, na perspectiva da formação estética, suspeitando a beleza como caminho profícuo para acender sentidos e nutrir possibilidades de fazer Educação Infantil pelo/com maravilhamento. Como professoras de cursos de Pedagogia de instituições federais – UFF, UNIRIO, UFC –, desde nossos lugares de formação e de atuação, na interface educação-e-arte, no ensino, na pesquisa e na extensão, a temática proposta nos atravessa e, assumida como desafio e compromisso com as infâncias e sua educação, buscamos interlocutores e interlocutoras para constituir um coletivo disposto a compartilhar suas reflexões, advindas de estudos, práticas e percursos investigativos, para ampliar o diálogo e a compreensão das múltiplas facetas que assume.

Não sem receio, o tema foi proposto, pois ressoavam em nós as palavras-advertência da *atelierista* italiana sobre a dificuldade de falar de beleza quando o mundo se fecha em crueldade, indiferença e toda sorte de injustiça. Ela diz:

Não é fácil nem simples falar de beleza e estética em um mundo atormentado por injustiças, pobreza, dominações e crueldade. Beleza e estética parecem temas tão efêmeros e distantes do cotidiano que se tem quase pudor de falar deles, mas, ao

mesmo tempo, adverte-se como, à sua aparente fragilidade, contrapõem uma força e resistência extraordinárias. [...]. Pessoalmente, como tantos, continuo pensando que beleza e estética são agentes de salvação para as mulheres e os homens, e que a sua proposição como direitos fundamentais e inalienáveis seria de grande benefício para a humanidade inteira (Vecchi, 2017, p. 34-35).

Também acreditamos que a beleza é um direito de toda gente!

Neste momento, finda a etapa de organização, voltando nosso olhar às contribuições que chegaram de cantos diversos, cada qual com suas maneiras próprias de enunciar as questões atinentes ao tema proposto para este dossiê, agradecemos a possibilidade ímpar de articular conexões acadêmicas e afetivas com pessoas ética, política e esteticamente engajadas. Sem dúvida, podemos afirmar que, com o coletivo que se formou, o desejo de falar de beleza e formação estética docente foi tecido por um caminho carregado de beleza. Hoje, oferecemos ao leitor e à leitora um conjunto de manuscritos que convidam a continuar a jornada, a percorrer outras veredas, desenhando seu próprio caminho... também mirando a beleza, tecendo beleza, para retirar a repressão que a ronda, sobretudo na prática pedagógica. Uma ação contínua e necessária, de resistência, de imaginação, de abertura para o pensamento que passa pelo coração. Pois, como nos lembra James Hillman (1993, p. 140): “No pensamento do coração, portanto, repousa a chave para a prática da beleza e o fim da repressão. Assim, acima de tudo [...], deixemos que o coração seja tocado”.

Referências

- BRASIL. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 242, p. 18-19, 18 dez. 2009.
- HILLMAN, James. *Cidade & Alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HILLMAN, James. A função sentimento. In: VON FRANZ, Marie-Louise; HILLMAN, James. *A tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 107-215.
- HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas: Verus, 2010.
- HOYUELOS, Alfredo. *La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. Barcelona: Ediciones Octaedro; Rosa Sensat, 2006.
- LEVI, Primo. *Il sistema periodico*. Torino: Einaudi, 1994.
- VECCHI, Vea. *Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância*. São Paulo: Phorte, 2017.